

# OS OBSTÁCULOS NO CAMINHO ESPIRITUAL

Swami Paratparananda<sup>1</sup>

11-4-1979

O primeiro obstáculo no caminho espiritual é a incerteza sobre o que desejamos na vida. Antes que nada devemos reflexionar bem se queremos levar uma vida espiritual com a esperança de livrar-nos de nossas dificuldades do mundo, tais como as enfermidades, problemas familiares ou financeiros. Se chegarmos à conclusão de que nenhum desses motivos nos impele a seguir este caminho, devemos indagar se estamos tentando fazer algo impossível, sem significado para a vida, algo quimérico, sem substância alguma, mas que pode nos brindar certa satisfação, passar momentos de ócio sem preocupações mundanas, ou como dizem alguns, servir como ópio. Se a resposta for afirmativa, então por mais que nos esforcemos, não teremos os resultados devidos. A indecisão ou falta de fé no que está seguindo é prejudicial, porque não permite dar os passos com segurança, por assim dizer. Se pelo contrário, consideramos que é algo importante, que é a parte real de nossa vida, a mais significativa, a mais duradoura, e até eterna, como afirmaram milhares de santos, sábios e outros mestres espirituais através de toda a história da humanidade, então devemos indagar os motivos, as causas que nos fazem desviar sem que nos demos conta disso e enfraquecer nosso entusiasmo, inclusive o interesse e deixar crescer em nós sentimentos mundanos disfarçados de espiritualidade.

A vida espiritual consiste em esforçar-se para chegar ao Espírito, ou à Realidade, ou à Deus, como quer que O chamemos. Este Espírito está em nós, é nossa verdadeira essência, nossa natureza real. Todos os grandes mestres espirituais declararam isto. Por exemplo, Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: "Ó Arjuna, o Senhor, morando na região do coração de todos os seres, os move, por Seu poder, como se estivessem montados sobre uma máquina". O Senhor Jesus Cristo declara: "O Reino de Deus está dentro de vocês". Os Upanishads da antiguidade também dizem: "Este Atman, sendo menor do que o que há de menor e maior do que há de maior, reside na caverna do coração de todos os seres". "Aquele está longe, e está muito próximo do mais íntimo de todos, mas também está fora de tudo isto."

---

<sup>1</sup> Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

Proclamações como estas, que asseguram a proximidade de Deus, encontramos nas escrituras de todas as religiões. Podem ser estas apenas formas de expressão para animar ao aspirante para que siga adiante? Ou é um fato verificável? É algo que pode deixar-nos confusos. Não parece isto um paradoxo, dizer que este Ser, Deus, está mais próximo do que o mais próximo e ao mesmo tempo não ser capaz de experimentar sua presença?

Assim que, a situação parece tragicômica, no entanto não é assunto para risos. É um fato como qualquer outro. Por exemplo, o que está mais próximo dos olhos do que a face? Mas podemos vê-la sem a ajuda de um espelho ou uma superfície refletora? Não podemos. No entanto não consideramos este fato como estranho. Aceitamos como um fato bem conhecido. Além disso, uma pergunta semelhante seria considerada como uma estupidez. Da mesma forma, o Senhor, ainda que more em nosso interior, permanece desconhecido para nós, pela maioria das pessoas.

Por que acontece isso? São várias as causas. Primeiro veremos o que serve como refletor, ou seja, o que toma conhecimento dos objetos apresentados diante de nós. É a mente. Podemos compará-la com um espelho. Como sabemos o espelho tem dois lados, um é a superfície que reflete e o outro é opaco, às vezes protegido por madeira ou outro material. Este espelho da mente, para a maioria da humanidade, podemos dizer, está com sua face refletora voltada para fora e a face opaca voltada para dentro. Por conseguinte, a mente recebe impressões do mundo exterior e não do Senhor [Deus] que mora no nosso interior, ou seja, estamos alertas ou despertos em quanto ao mundo e adormecidos com relação ao Senhor; estamos bem conscientes do mundo exterior e inconscientes quase por completo de Deus. De que serve então queixar-nos de que não podemos ver ao Espírito ainda que esteja muito próximo? Devemos girar a face refletora do espelho da mente para dentro para que possamos vê-LO. Isto é o que o Upanishad diz quando afirma: “O Senhor auto manifestado criou os sentidos com a tendência de ir para fora e, portanto eles percebem apenas o externo e não ao Senhor que mora no interior. No entanto uma ou outra pessoa com firme resolução e determinação, anelando a liberação e retirando os sentidos dos objetos, percebe esse Ser interno”.

Como podemos dirigir nossa mente ao interior? Quais são os impedimentos que aparecem no caminho? São os apegos que têm sido gerados durante milhares de vidas devido à beleza dos objetos exteriores. Estes apegos formaram algo como uma crosta de ferrugem ao redor das dobradiças do espelho da mente, impedindo-o de mover-se completamente. Junto com estes apegos surgiram outras debilidades, como a ira, cobiça, luxúria, soberba, malícia, vaidade e assim por diante. São muitas, mas podemos resumi-las em duas, como disse Sri Ramakrishna, “luxúria e cobiça”; ou como disse Sri Krishna [no Bhagavad

Gita], “desejo” – desejo por riqueza, gozos sensuais, poder, e outras semelhantes. Os Upanishads as qualificam de buscas e as dividem em três, de ter filhos, riqueza e chegar aos céus, que são outros tantos mundos de gozo.

Vamos analisar esta questão: Qual é o motivo subjacente nesses desejos, buscas ou cobiças? Não é a felicidade este motivo? Devemos admitir que sim. Mas há felicidade nas coisas do mundo? Podemos encontrá-la nos objetos sensórios? Se presumirmos que a felicidade está nos objetos, deve existir sempre neles. Pois nesse caso a felicidade será uma qualidade inerente do objeto, assim como o calor e a luz são qualidades inerentes do fogo. Mas vemos que este não é o caso nos objetos. Notamos que o mesmo objeto nos dá algumas vezes felicidade e em outras, sofrimento ou incômodo. O calor do fogo em uma noite fria é agradável e desejável, mas o mesmo fogo em um dia de sol sufocante se torna insuportável. Se as coisas são assim, como podemos supor que a felicidade está no objeto? O objeto neste caso não mudou sua qualidade e manteve sua natureza; o que mudou foi nossa atitude em relação a ele. Pode-se dizer que a felicidade do objeto depende do lugar e do tempo. Suponhamos que uma pessoa esteja favorecida por muitas dessas coisas prazerosas, mas que sofreu uma calamidade, a morte de um ser querido, por exemplo. Terá felicidade ainda que esteja rodeada de todas as atrações do mundo? Não. Daí podemos concluir que a felicidade não está no objeto, mas que é uma condição da mente. Os objetos são apenas os instrumentos que estimulam a alegria ou o sofrimento. O papel principal é desempenhado pela mente.

Também sobre a pressão das circunstâncias a mente muda seus gostos e aversões. Uma pessoa que em certo tempo era querida cessa de sê-lo quando se alteram as circunstâncias. Isto mostra que a mente não segue um curso rígido nem regras determinadas. Então por que não fazê-la ter interesse no próprio Ser? É possível, já foi feito antes e pode-se fazer de novo, apenas deve-se liberar a mente de suas amarras. Ela se submergiu desesperadamente no mundo. Deixamos durante muito tempo o mundo entrar em nossa mente. É como permitir que a água entre no bote; o bote pode entrar na água, mas a água não pode entrar no bote, pois o afundaria se não fosse retirada e fechados os furos e trincas pelos quais entra. Só então este pode seguir seu curso sem perigo. Do mesmo modo se deixamos que os sentidos nos levem para onde eles querem, então nosso destino será como desse bote. Se pode perguntar: Por que não satisfazer os desejos e terminar com eles de uma vez por todas? Esta seria uma solução simples se pudéssemos esgotar os desejos apenas dando curso e desfrutando deles. Mas a experiência humana tem sido oposta até agora, ou seja, quanto mais se satisfazem os desejos, mais eles aumentam. E mais ainda, cada um desses desejos satisfeitos faz surgir outras centenas, não

vendo-se seu fim. Também se pode comparar a mente com um deserto sedento, não há água que o satisfaça. Buddha descobriu que essa sede é a causa primária de todo o sofrimento. Esta corrida atrás dos objetos do mundo – quantas coisas desagradáveis trás como seu séquito! Ira, inveja, ódio, e outros, são seus companheiros inseparáveis e quando entram na mente a tornam um caldeirão de desgosto e insatisfação.

Sri Ramakrishna dizia: “A enfermidade mundanal é como a febre tifoide. E no quarto do paciente há uma jarra de água e pickles de tamarindo. Se quiser curar o paciente da enfermidade tem que afastá-lo do quarto. O homem mundano é como este enfermo de febre tifoide. Os diferentes objetos de gozo são como a jarra de água e os pickles, e seu desejo de gozar é como a sede. O mero pensar em pickles dá água na boca; não há necessidade que os tragam para perto e o homem está rodeado deles. Tem que ir a solidão por alguns dias e pensar em Deus; e uma vez fortalecido em sua vida espiritual pode voltar ao mundo”.

Os sábios aconselham que retiremos a mente dos objetos de gozo. Como podemos fazê-lo? Controlando os sentidos que continuamente estão alimentando-a com as sensações dos objetos. O olho vê coisas lindas e tenta a mente; os ouvidos lhe levam sons prazerosos e a enfeitiçam; do mesmo modo os outros órgãos do tato, gosto e olfato a encantam levando-lhe as impressões de seus próprios objetos. Apenas evitando os objetos sensórios e dirigindo a mente à Deus, se pode gradualmente dominá-la, e não dando rédea solta aos sentidos ou desejos. O Kathopanishad com uma formosa alegoria explica este ponto: “Saiba que o corpo é como uma carruagem, o ser é como o dono, o intelecto é como o condutor, a mente é como as rédeas, os sentidos são como os cavalos, e os objetos são os caminhos. Os sábios chamam ao ser que está identificado com o corpo, os sentidos e a mente, como aquele que desfruta ou goza. Aquele que não é hábil e tem a mente inconstante e volúvel, encontra seus sentidos como os cavalos indômitos fora do controle do condutor. Pelo contrário, aquele que tem discernimento e uma mente unida, acha a seus sentidos como os cavalos bem treinados, que se submetem facilmente ao condutor”. Sri Shankaracharya comentando este verso explica: “Se o intelecto, que é como o condutor, é ignorante, adormecido, sem o discernimento do que deve fazer e do que evitar, e permite a mente, que é como as rédeas, atuar como queira ou vagar, então os sentidos, como cavalos indômitos e viciosos, serão impossíveis de dominar”. E o resultado será que a carruagem, junto com o dono, logo estará em dificuldades.

Mas o trabalho de retirar a mente dos objetos sensórios é difícil, duro e leva muito tempo. Não há método fácil, tenhamos isto bem claro. Não se encontrou nunca nenhum tesouro pelo mero fato de ter o conhecimento de sua localização. Nunca se obteve êxito em nenhum campo da vida sem esforço. Quão pueril o homem crer que poderá

alcançar o Altíssimo sem trabalhar, sem sentir inquietude por Ele, sem sentir angústia a tal grau que o faça perder o sono e esquecer-se da fome, sede e outras necessidades físicas! Crer nisto será bom em momentos de ócio, mas não beneficiará ao ser humano que quer verdadeiramente sentir a presença do Senhor, que quer vê-LO. Shankaracharya no Vivekachudamani<sup>2</sup> (Joa Suprema do Discernimento) ilustra isto bem graficamente, “Sem vencer os inimigos, e conquistar todo o território, se uma pessoa proclama ‘Sou o imperador’, não será considerado como tal. Do mesmo modo, sem desfazer-se dos apegos aos objetos do mundo e conhecer diretamente ao Ser, pelo mero pronunciar as palavras ‘sou Brahman’, não se atinge a liberação”. Goethe, o poeta alemão, comenta: “Feliz é o homem que aprende cedo na vida a grande diferença que existe entre seus desejos e suas forças”. Tudo isto nos mostra que não se pode obter nada somente por abrigar o desejo, mas que se devem fazer os esforços devidos.

Agora vejamos, existem dois métodos pelos quais se pode chegar a ter o gosto por uma vida mais elevada. O primeiro consiste em permitir a mente que adquira a experiência dos frutos doces e amargos da vida, os que ela tanto deseja, até que um fruto<sup>3</sup> muito amargo a faça deter-se e perguntar-se: “Depois de tudo, é isto o que significa o gozo?” Para a maioria da humanidade esta experiência é necessária para poder apreciar o gosto da vida mais elevada. A menos que se tenha saboreado os frutos amargos da vida, não ficará convencido de que este mundo não é um mar de rosas, mas também de espinhos. Nem o maior dos mestres espirituais pode remediar isto. Sri Ramakrishna certa vez falando destes disse: “Há três classes de preceptores, assim como há de médicos. Alguns dos médicos examinam ao paciente, receitam os remédios e se vão e não se preocupam mais se o enfermo seguiu suas instruções ou não; estes são os da classe inferior. Depois estão os medianos, que tentam convencer ao paciente argumentando com ele, persuadindo-o a tomar os medicamentos que ele mesmo preparou. Depois estão os da classe superior, que usam a força se necessário para obrigar ao enfermo a engolir o remédio. Do mesmo modo, alguns mestres só dão a instrução ao discípulo e não se preocupam em saber se este a seguiu ou não. São os da classe inferior. Há outros que tentam persuadir a seus discípulos de várias maneiras, para que sigam sua instrução, mas se os discípulos não lhe fazem caso não se preocupam mais. Mas os preceptores da classe superior não somente instruem aos discípulos, senão que vigiam o cumprimento de sua instrução, usando a força se necessário”. Nesta ocasião também agregou: ‘Mas se deve levar em conta o fator tempo’. Ouvindo isto um pandit<sup>4</sup> que

---

<sup>2</sup> Sua mais conhecida e estudada obra (nota do tradutor).

<sup>3</sup> Experiência da vida ou resultado da ação (nota do tradutor).

<sup>4</sup> Erudito, conhecedor do texto das escrituras sagradas (nota do tradutor).

havia ido visitar o Mestre Ihe perguntou: ‘Senhor, se há mestres espirituais como os que acabou de citar, então porque disse que se deve levar em conta o fator tempo?’ Sri Ramakrishna respondeu: “Sim, isto é verdade, mas que pode fazer até o melhor médico se o medicamento que coloca na boca do enfermo cai para fora e não chega ao estômago? Do mesmo modo, se a mente do discípulo não quer aceitar e seguir a instrução do mestre, devido aos fortes apegos e desejos que abriga pelas coisas do mundo, que pode fazer o melhor dos Gurus?”

O segundo método consiste no discernimento entre o Real e o irreal, o Eterno e o transitório. Os que já passaram pelas experiências referidas, seja nesta vida ou nas anteriores e se convenceram que não existe felicidade eterna nas coisas do mundo, ao ouvir falar de uma vida mais elevada tentam compreender e seguir este caminho. Mas a mente que já estava imersa há muito tempo na vida do mundo não pode ser retirada de repente. A mente que se acostumou a pensar de certa maneira não pode de repente mudar para um modo totalmente oposto. Primeiro deve-se afirmar a ideia de que o mundo é transitório, logo virá o desejo de avaliar as coisas em suas próprias perspectivas, sem preconceitos ou danos; com isto virá o desapego. Para que este se estabeleça fortemente na mente devemos usar o discernimento, aquele que ensina: Só Deus é Real e todas as outras coisas são irreais, só o mago é real, mas sua magia é irreal, existe por alguns momentos. Devemos repetir esta ideia constantemente até que a mente a aceite e a ponha em prática. Ao princípio, em alguns casos, também durante muito tempo, a mente resistirá com toda sua força; cairá uma e outra vez nos sulcos já formados, os hábitos já cultivados. No entanto se queremos alcançar a paz duradoura, teremos que persistir em nossas tentativas e evitar cair nas armadilhas que a natureza colocou em toda parte. É uma vigília de toda a vida; um aspirante espiritual nunca pode dar-se ao luxo de permitir-se afrouxar sua vigilância de si mesmo, sem risco de perder o adquirido. Sri Ramakrishna costumava dizer: “A capacidade de renunciar ao apego à luxúria e cobiça vem da prática constante da disciplina espiritual. Pela prática se adquire poderes extraordinários da mente. Então não acha difícil dominar os sentidos e as paixões como a ira, luxúria e outras semelhantes”. Sri Krishna também disse o mesmo no Bhagavad Gita: “Ó filho de Kunti, se pode controlar esta mente inconstante pela prática e pelo desapego”. Sri Ramakrishna adverte inclusive aos que avançaram no caminho espiritual sobre as tentações. Devemos tomar nota disto e ter muito cuidado em não afrouxar nossos esforços no cuidado com os encantos do mundo.

A vida espiritual, como dissemos no início desta conversa, não é somente um modo de vida, seguir alguns dogmas ou credos, senão um esforço para chegar à Deus, para realizar, sentir intimamente nossa verdadeira natureza. Sem ter este fim em vista, a vida espiritual se tornará

árida, pois a mente não pode estar vazia, necessita de um apoio, algo para pensar, um objetivo para alcançar. Portanto, junto com o desapego, que é um sentimento negativo, ou seja, o que nega aceitar as coisas prazerosas, devemos cultivar o gosto pelo positivo, o bom, como disse o Kathopanishad: “O ser humano é rodeado pelo bom e pelo prazeroso; aquele que é sábio, discernindo escolhe o bom e descarta o prazeroso enquanto que o ignorante, pensando no bem-estar, persegue o prazeroso”. Se a mente está convencida de que não está perdendo nada, senão que será dona de uma paz duradoura quando alcance a meta, então podemos preveni-la para que não escorregue e caia em seus defeitos anteriores. Sri Ramakrishna afirmava: “Quanto mais se vai para o Leste, mais se afasta do Oeste; do mesmo modo quanto mais se aproxime de Deus, tanto mais longe deixa os apegos aos objetos do mundo”. Estes perdem seu poder sobre a mente daquele homem que se deleita pensando em Deus, em ouvir falar sobre Ele e escutar Suas glórias. Sri Ramakrishna dizia: “Por acaso um refresco feito de melaço atrai a uma pessoa que saboreou açúcar cande? Assim também aquele que saboreou ainda que uma só vez a bem-aventurança de Deus não será atraído pela felicidade que os objetos do mundo podem dar-lhe. Não terá nenhum sabor”. Mas para chegar a ter este gosto devemos trabalhar duro, fazer muitos sacrifícios no sentido em que o homem comum os compreende.

O homem, contudo, nasce neste mundo com várias tendências, algumas boas, outras viciosas. Estas lhe obrigam, por assim dizer, a fundir-se em um molde particular. São muito poderosas no homem comum e o torna seu escravo. Mas são criações próprias de suas vidas anteriores como homem, dizem as escrituras hindus. Porque elas declaram que as ações feitas pelos outros seres como os animais, não têm resultados acumulativos, não criam karma; só o homem, dotado da faculdade do discernimento, quando não a utiliza para distinguir entre o que é bom e o que é mal, e age egoisticamente, cria as tendências viciosas, as que permanecem na mente. A mente não morre quando se deixa o corpo, senão que acompanha ao ser e o conduz a diferentes regiões segundo seus méritos, e em seguida o faz nascer como homem [ser humano] ou outro ser, dependendo do resultado de suas ações; quando estas foram muito más, nasce como inseto ou outro animal. Só quando há um equilíbrio entre as ações boas e más, ele volta a nascer como homem. Mas recordemos que todas estas tendências são criações nossas.

Swami Vivekananda disse que já que o homem criou estas inclinações, pode, se o desejar, criar novas e melhores para combater as anteriores. Fazendo o bem aos demais e pensando bons pensamentos se criam bons *samskaras*<sup>5</sup>. Os pensamentos, devemos dar-nos conta disso, são

---

<sup>5</sup> Tendências ou impressões mentais

tão poderosos quanto as ações para criar as tendências; porque é o pensamento constante em alguma ideia o que nos impele a atuar dessa maneira. Além disso, o pensamento deixa seu selo na mente para sempre, que atua como uma semente pronta a germinar quando as circunstâncias forem propícias. Isto foi explicado com clareza por Sri Krishna no Bhagavad Gita: “No homem que pensa constantemente nas coisas do mundo surge o apego a elas, com o apego vem o desejo, do desejo [obstruído] surge a ira, a ira ofusca a mente, com a ofuscação a mente perde a faculdade de recordar os valores das coisas, em seguida perde a faculdade do discernimento e como consequência sofre a morte espiritual”. Esta é a maneira em que atua o pensamento, mas não estamos conscientes disto. Como podemos neutralizar estas forças? Discutimos em detalhe nas nossas conversas anteriores, portanto aqui só mencionaremos algumas das práticas que nos podem ajudar. Primeira, é a repetição do Nome de Deus. O que há no Nome de Deus? Não são mais que quatro letras, de que serve repeti-LO como um papagaio, dizem alguns cétricos. Mas se perguntaram alguma vez quando estão pensando intensamente em um ser querido que resida em um lugar distante, de que serve pensar nele? Deus é mais íntimo que qualquer parente ou amigo, repetir Seu Nome é pensar Nele; é como não poder imaginar a uma pessoa sem trazer à sua mente seu nome e forma. Em outra ocasião citamos os ditos dos grandes mestres espirituais, tanto antigos quanto recentes, nos quais eles afirmam que Deus e Seu Nome são idênticos, e que este é tão potente quanto Deus mesmo.

Outra ajuda é a companhia de seres avançados na vida espiritual, os que sempre recordam à Deus, falam Dele e cantam Seu Nome e glórias; retirar-se à solidão pelo menos alguns dias e dedicar todo este tempo ao pensamento de Deus; ter uma disposição carinhosa com todas as pessoas com que se tenha contato; a prática do discernimento. São algumas outras disciplinas que nos ajudam no caminho espiritual. Há também o caminho de Karma Yoga, executar ações benéficas para outros na maneira ensinada pelo Bhagavad Gita. Swami Vivekananda diz a respeito, “Devemos trabalhar por amor ao trabalho, sem nos importarmos com o renome, a fama ou ir ao céu. Trabalhar só porque disso resultará o bem”. Agrega Swami Vivekananda: “Há outros que fazem bem aos pobres e ajudam a humanidade tendo motivos ainda mais elevados, porque creem em fazer o bem e amam o bem”. Depois continua, “Amor, verdade e abnegação não são simplesmente figuras retóricas da moral, mas formam nosso ideal mais elevado, pois neles reside uma manifestação muito grande de poder. Um homem que pode trabalhar durante cinco dias, ou até cinco minutos sem nenhum motivo egoísta, sem pensar no futuro, no céu, castigo ou qualquer coisa deste tipo, possui nele a capacidade de tornar-se um poderoso gigante moral”. Este método pode ser utilizado pelas pessoas de



qualquer parte do mundo e em qualquer etapa da vida, para purificar-se moralmente, e até para alcançar o Altíssimo.

Como podemos trabalhar abnegadamente? Swami Vivekananda nos ensina: “Devemos começar do princípio, aceitar os trabalhos à medida que nos vão chegando e, pouco a pouco, tornar-nos mais abnegados a cada dia. Devemos fazer o trabalho e indagar qual a força motriz que nos impele a atuar e quase sempre, sem exceção nos primeiros anos, descobriremos que nossos motivos são egoístas; mas gradualmente este egoísmo se desvanecerá pela persistência, até que ao final chegará o dia em que poderemos fazer trabalho realmente abnegado”.

Um dos muitos conselhos são que Sri Ramakrishna dá a respeito de como se pode afastar a mente turbulenta de sua preocupação mundana será de imensa ajuda a todos os aspirantes. Diz ele, “Não se pode conseguir nada sem discernimento e renúncia. Mas não é possível adquirir esta renúncia de repente. O fator tempo deve ser levado em consideração. No entanto, também é certo que um homem deve ouvir sobre a renúncia. Assim quando chega o momento oportuno, esse homem dirá a si mesmo, ‘Oh, já ouvi sobre isso’. Também debes recordar de outra coisa: ao ouvir falar constantemente sobre a renúncia vossos desejos pelos objetos do mundo diminuirão pouco a pouco. Deve-se tomar água de arroz [água onde se lavou o arroz] em pequenas doses para curar a embriaguez produzida pela bebida alcóolica. Então gradualmente vai se recuperando”. A mundanalidade é como a embriaguez e o ouvir falar da renúncia é como tomar a água de arroz para curar esta embriaguez. Mas Sri Ramakrishna não insiste na renúncia externa para os vivem em família, mas lhes recomenda que renunciem internamente as coisas, que desenvolvam desapego por elas.

Que possamos superar os obstáculos em nosso caminho e chegar a Deus, sentir Sua presença vividamente em nós antes de nos despedirmos deste mundo.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.